

## **O PROBLEMA DO UNIVERSAL EM DELEUZE: UMA ANÁLISE A PARTIR DE UM PONTO DE VISTA HEGELIANO**

Guilherme Costa Garcia Tommaselli<sup>1</sup>  
Luis Paulo Santos Bezerra<sup>2</sup>

### ***O Pensamento Dialético e os universais em Hegel***

Partindo da leitura do quinto capítulo do livro *“Razão e Revolução”* de Herbert Marcuse procurarei, nesse primeiro momento desenvolver a idéia dos universais e do desenvolvimento do pensamento dialético em Hegel. Marcuse (1978) inicia o seu texto dizendo que a novidade na lógica de Hegel consiste na habilidade de utilizar categorias como forma de expressão da dinâmica social objetiva. De acordo com o autor, essa concepção dinâmica não é criação de Hegel, e sim, influência de Aristóteles. A diferença para Marcuse reside no fato de que Hegel reinterpreta as categorias metafísicas.

Segundo Marcuse, já nos escritos iniciais podia-se notar um ataque de Hegel em relação a separação tradicional entre pensamento e realidade. Para Hegel a separação entre pensamento e realidade consistia em um problema muito complexo que tinha como consequência uma retração do pensamento diante do senso comum.

Para Hegel, essa questão se resolvia através da lógica dialética que seria a responsável por anular o controle do senso comum. Para o autor, esse caráter negativo é um elemento fundamental no desenvolvimento da lógica dialética. Portanto, o caráter negativo do pensamento dialético, seria uma qualidade quando se trata do pensamento racional dialético.

Segundo Marcuse, o primeiro passo em direção ao verdadeiro conceito de razão em Hegel é um passo negativo, ou seja, o autor identifica na negatividade um momento

---

<sup>1</sup> TOMMASELLI, Guilherme Costa Garcia. Professor de Sociologia do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS). Aluno regular do programa de pós-graduação em Educação, da FFC ( Faculdade de Filosofia e Ciências) UNESP de Marília.

<sup>2</sup> BEZERRA, Luis Paulo Santos. Aluno regular do curso de Ciências Sociais da FFC ( Faculdade de Filosofia e Ciências) UNESP de Marília.

essencial na constituição do pensamento dialético. Nesse caso, o negativo pode ser compreendido como a negação das categorias fixas do senso comum e, também, pode ser compreendido como “o caráter negativo e, portanto, falso do mundo designado por estas categorias” (MARCUSE, 1978, p.123)

Na constituição do pensamento dialético a negatividade ganha papel central. Assim, no pensamento dialético, cada coisa contém em si a negação de si própria que, determina o seu próprio ser. A contradição também é um elemento essencial ao pensamento dialético. Assim, ela pode ser compreendida enquanto a forma concreta da oposição, porém, é importante deixar claro que no desenvolvimento do pensamento dialético, a presença do caráter negativo e da contradição não significam a anulação da identidade do sujeito. Na verdade o elemento negativo do pensamento dialético contribui para a produção da identidade do sujeito, através de um processo onde o desenvolvimento de suas potencialidades ganha papel central.

(...) A é igual a A unicamente enquanto oposto a não-A, ou, a identidade de A resulta da contradição e a contém. Hegel sustenta que A está em contradição, não com um não-A exterior, e sim com um não-A que pertence à identidade mesma de A; em outras palavras. A é em-si contraditório." (MARCUSE, 1978, p.123)

Assim, para Hegel, o caráter negativo é natural a cada coisa, e cada coisa estabelece uma relação direta com seu oposto. Portanto, no pensamento dialético “para ser o realmente é cada coisa deve vir a ser o que ela não é” (MARCUSE, 1978, p.124). É nesse ponto de discussão que chegamos ao caráter universal das coisas. Para Hegel, cada coisa deve ir além de seus limites, ou seja, superar suas particularidades, estabelecendo como referência o seu ponto, em relação universal a outras coisas.

No caso do ser humano a sua própria identidade é encontrada no desenvolvimento de suas relações, que é o momento onde encontra a negação de sua particularidade, visto que, no desenvolvimento de suas relações sociais o ser humano passa a ser compreendido como parte de um grupo social, que, por sua vez, está organizado através de valores que contribuem na construção da individualidade dos indivíduos que ali vivem.

A verdade do indivíduo transcende sua particularidade e encontra uma totalidade de relações conflitantes nas quais a individualidade se perfaz. Somos, assim, levados, uma vez mais, ao universal, como à verdadeira forma da realidade.(MARCUSE, 1978, p.124)

Para Hegel o conteúdo universal é preservado através do conceito, isto é, se tomarmos o universal como uma realidade e não apenas como abstração, o conceito determina esta realidade. Assim, através da negação as formas históricas da existência humana tornaram-se obstáculos ao desenvolvimento das potencialidades do homem e também uma restrição da autoconsciência e da liberdade.

Sobre a questão universal do ser: "O universal primeiro e indeterminado que Hegel propõe, é o ser. Ele é comum a todas as coisas (pois tudo é ser) e, portanto, é a entidade mais universal do mundo." (MARCUSE, 1978, p.127). Assim, para Hegel o que a coisa em si depende da sua relação com as outras coisas, assim como, suas relações com as outras coisas determinam sua própria existência.

### ***A filosofia da diferença e a negação do universal***

A rejeição dos universais é característico da filosofia da Diferença de Deleuze. "O primeiro princípio da filosofia é que os universais não explicam nada, eles próprios é que devem ser explicados" (Deleuze & Guattari, 2010, p. 15). Partindo desse ponto central sobre a filosofia da diferença, representada aqui, especialmente na figura do filósofo francês Gilles Deleuze, discutiremos alguns de seus aspectos centrais.

A filosofia da diferença característica da escola francesa, bem representada na figura de grandes pensadores dessa tradição como Foucault e Deleuze, tem como princípio a multiplicidade, rejeitando assim a unidade. Segundo Gallo, o caminho da filosofia, seja ela antiga ou moderna, desde Platão à Descartes, tinha como princípio fundamental a unidade, e devido a isso, fica claro segundo o autor, a dificuldade da filosofia em compreender o outro enquanto outro, visto que, nesse tipo de filosofia tudo se reduz a unidade, que por sua vez, é seu princípio fundamental.

Para Gallo, a inovação da filosofia da diferença consiste exatamente na recusa de pensar o mundo através da unidade. Para os filósofos da diferença o mundo, portanto, deve ser pensado através de seu caráter múltiplo. Esse desvio do foco central da unidade para multiplicidade é segundo Gallo, o que possibilita que o outro, o diferente, ganhe novo sentido nesse contexto.

De acordo com o autor, o que caracteriza Deleuze nesse contexto é a sua posição radical em relação a filosofia da diferença. Esse aspecto radical fica claro, segundo Gallo, em sua obra *Diferença e repetição*, onde Deleuze realiza a crítica da filosofia da representação, comum ao pensamento ocidental. A filosofia da representação compreende o pensamento como reconhecimento, ou seja, como um repetição do que já existe. Assim, segundo Gallo, quando se trata da filosofia da representação a diferença é compreendida apenas como conceito, isto é, como uma forma de representação e este tipo de compreensão é problemático, visto que, através dele a diferença é esquecida.

Portanto, segundo Gallo, Deleuze identifica na compreensão do conceito um grave problema. Para Deleuze, a filosofia da representação confunde o conceito de diferença com aquilo que ele denomina de diferença apenas conceitual, ou seja, essa diferença conceitual é aquela que se contenta em compreender a diferença enquanto um conceito geral. O problema identificado por Deleuze reside no fato que ao compreender-se a diferença enquanto conceito geral despreza-se a singularidade contida na idéia de diferença.

Gallo deixa claro que para Deleuze o grande erro da filosofia da representação foi o de confundir conceitos, ou seja, nessa filosofia o conceito de outro era compreendido apenas através de seu caráter conceitual. Esse tipo de compreensão dos conceitos tem como uma de suas conseqüências a supressão da diferença. Assim, no que diz respeito à filosofia da representação, segundo o autor, quanto mais se fala no outro ou na diferença mais os negamos. Portanto, a filosofia da diferença entende a diferença em si mesma, assim como o outro em si mesmo, ou seja, ambos não compreendidos enquanto conceitos ou representações, mas sim, compreendidos em si mesmos.

## ***Deleuze e o Universal.***

Como dito no início do texto a rejeição dos universais é característica primordial da filosofia da diferença de Gilles Deleuze. Para Deleuze, o ponto central da questão se encontra entre as constantes e variáveis e não entre universais e particulares. Para Deleuze não existem universais, o que existe é uma variação contínua.

Segundo Gallo, em *Diferença e Repetição*, Deleuze realiza uma diferenciação entre universal e geral, porém esta não aparece em seus escritos posteriores, que são marcados pela crítica aos universais. Quando se trata de Deleuze e a crítica aos universais uma questão central se coloca: como é possível que algo novo surja?

Essa é uma questão primordial no pensamento de Deleuze, e a justificativa do autor para esse fato advém da posição de Deleuze que entende o tempo em que vivemos, como um tempo onde a transcendência não existe. É nesse ponto que entra a rejeição dos universais no pensamento dele, pois, para Deleuze essa questão não pode ser respondida recorrendo-se ao conceito de universal.

Portanto, para Deleuze a questão sobre a possibilidade do novo em nosso mundo é o que fundamenta sua crítica ao universal, pois, para ele, não existe nenhuma estrutura seja ela simples ou complexa, ou de qualquer natureza (física, biológica, filosófica, etc) que ofereça condições de fornecer dados comuns que fundamente uma unidade universal do pensamento e do conhecimento. Assim, para o autor o universal não explica nada, na verdade ele é que deve ser explicado.

Partindo do pressuposto de que o universal nada explica, para Deleuze ele tem, portanto, um papel secundário. É importante ressaltar, que para Deleuze a tarefa da filosofia é primeiramente produzir conceitos e secundariamente produzir a reflexão. Portanto, nesse caso o universal é compreendido enquanto um conceito secundário e por este motivo não pode ser utilizado para explicar o surgimento de algo novo, já que quando se trata do universal para Deleuze, ele (universal) assume a realidade como dada.

É nesse ponto da crítica ao universal que surge o conceito de singular. Como dito acima, para Deleuze o universal possui um caráter secundário e a tarefa da filosofia é criação de conceitos que não são nem universais nem tampouco particulares, seriam o que ele denomina de singular. Deleuze realiza a diferenciação entre o conceito de singular e o conceito de particular. Para o autor, o conceito de singular diferencia-se do conceito de particular, pelo fato de não se submeter ao universal.

De acordo com Gallo, a questão da relação entre o particular e o universal é compreendida como uma relação de interdependência. Segundo o autor, essa interdependência existe, porém, o universal só seria válido caso se explicasse pelo próprio universal e não pelo particular.

### ***Crítica a Filosofia da Diferença em Deleuze***

Após a exposição sobre o pensamento dialético e os valores universais em Hegel e sobre filosofia da diferença de Gilles Deleuze e a recusa aos universais, encerrarei esse texto, buscando realizar uma reflexão sobre a validade ou não do universal, tendo como referência básica o texto *“A coruja e o sambódromo”* capítulo integrante do livro *“Mal-estar na Modernidade”*, de Paulo Sérgio Rouanet e, também, o texto *“O novo irracionalismo brasileiro”*, do mesmo autor.

Rouanet é adepto da tradição iluminista racionalista. Essa adesão fica clara quando percebemos a defesa incontestável que o autor faz dos valores racionais universais. No texto *“A Coruja e o Sambódromo”*, podemos perceber claramente essa tendência, pois, toda a argumentação do autor é em defesa de um universal com origem iluminista e, portanto, contra todo irracionalismo existente em nosso tempo. Esse irracionalismo pode ser percebido, segundo o autor, na polarização entre racionalismo/irracionalismo, civilização/barbárie e universalismo/nacionalismo.

O irracionalismo para Rouanet (1989) pode ser compreendido através de sua relação de comprometimento com o poder. Assim, o irracionalismo age como uma

ferramenta desestruturante do *status quo*. A partir desse posicionamento do autor é possível estabelecer um diálogo crítico com a filosofia da diferença de Gilles Deleuze e sua interpretação equivocada do universal e conseqüentemente da razão universal, fruto do projeto iluminista de razão.

De acordo com Rouanet(1989) o irracionalismo é válido quando através de suas manifestações podemos refletir sobre a decadência eminente da razão no mundo contemporâneo. Assim, o autor acredita que nesse caso é necessário que se reveja o conceito clássico de razão e, conseqüentemente seria necessário também, rever todo projeto da modernidade que está pautado no conceito de razão.

Para rever pontos que acredita ser fundamental o autor recorre então a crítica cultural moderna. Para ele, a crítica cultural tem como característica fundamental a crítica a razão aplicada ao sistema, sem ignorar é claro, a necessidade da atividade reflexiva e da autocrítica da razão.

Rouanet aprofunda a questão tendo como referência o pensamento de Habermas e teoria da ação comunicativa. Para o autor, a teoria de Habermas fornece pistas para a compreensão da propagação do irracionalismo na modernidade. De acordo com Rouanet, Habermas chama a atenção para o processo de identificação que se deu na consciência dos sujeitos, entre a razão sistemática e a razão em si. Nesse contexto, segundo o autor, se posicionar contra o sistema era o mesmo que se posicionar contra a razão. Assim, a razão era compreendida como opressora.

Em “o novo irracionalismo brasileiro” Rouanet (1989) realiza uma análise da situação a partir do movimento social denominado contracultura, que foi predominante nos EUA durante os anos 70. Esse movimento foi considerado pelo autor como uma das influências externas mais significativas na construção do novo irracionalismo brasileiro. Em relação aos fatores internos, o autor destaca a política educacional do país durante o período militar.

Nesse caso, Rouanet chama a atenção para os currículos predominantes nesse momento histórico, que haviam sido reformulados deixando em segundo plano o humanismo. Nesse ponto, ele argumenta que a contracultura, fator externo, tem sua

origem naquilo que ele denomina de “incultura”. Para Rouanet, portanto, o irracionalismo é oportunista, pois, ele se aproveita de tendências do momento, que não possuem em sua origem um caráter irracional, como por exemplo, a contracultura, e as usa para seus fins próprios, irracionais.

Após esse breve exposição sobre o irracionalismo retomarei a questão da razão universal. Deleuze como já vimos anteriormente não acredita em universais, portanto, a razão universal não existe para esse autor. Para ele o conhecimento é adquirido através da experiência. Se retomarmos a Kant, podemos pensar essa questão sobre outro viés.

Para Kant, o conhecimento existe independentemente do homem. Assim, o caminho para o homem atingir o conhecimento se dá através da experiência. Por sua vez, Deleuze não acredita que o conhecimento exista senão através da experiência, ou seja, ele não existe de uma forma objetiva até que o homem o produza. Essa perspectiva do autor é prejudicial quando comparada a perspectiva kantiana, visto que, para Deleuze não existe sequer a possibilidade do homem descobrir algo que já existisse e estivesse esperando ser descoberto pelo homem através da experiência objetiva. Portanto, para Deleuze as coisas só existem quando as descobrimos e esse descobrimento só se dá através da experiência.

No que diz respeito as idéias, o autor acredita que estas só podem ser determinados por si mesmas e apenas em relação a objetos frutos da experiência. Podemos dizer então que para Deleuze o conhecimento é como um labirinto sem saída, onde cada caminho sem saída só faz sentido no contexto geral, ou seja, ele só faz sentido se houver nesse labirinto uma saída. Assim, para Deleuze o labirinto só poderia existir nessas condições, no pensamento do autor é inconcebível que o labirinto exista anteriormente a experiência humana nele.

Se utilizarmos a mesma metáfora do labirinto para compreender a questão através de uma perspectiva Kantiana, certamente obteremos outra resposta. No caso da perspectiva kantiana do conhecimento, este pode ocorrer de diversas formas, e

quanto mais possibilidades de caminhos, no caso da metáfora do labirinto, mesmo que seus caminhos não possuam saída, quanto mais possibilidade de novos caminhos no labirinto, mais o sujeito enriquece sua experiência reflexiva. O fato é que para Kant, o labirinto existe independentemente de o homem conhecê-lo.

Portanto para Deleuze a possibilidade de transcendência das idéias é inexistente, em contraponto, para Kant o princípio transcendental das idéias é parte do processo de conhecimento, ou seja, em Kant existem idéias a priori, que são aquelas das quais não é necessário nenhum tipo de experimentação para comprovar, pois, elas existem antes da experiência humana. Além das idéias a priori há em Kant também, as idéias que são adquiridas através da experiência humana, que já são parte constituinte do processo de conhecimento.

Portanto para Kant as idéias existem a priori antes da experiência humana e existem também após a experiência humana. Por sua vez para Deleuze as idéias não existem anteriormente a experiência humana, ou seja, elas são fruto da experiência humana e assim sendo, o conhecimento universal só seria possível através da experiência humana.

Retornando a Rouanet (1993) para concluir a reflexão percebemos que o autor percebe que existe uma tendência valorização extrema do diferente na filosofia da diferença de Deleuze. O problema para o autor é que a extrema valorização do outro, do diferente, possui em seu cerne uma rejeição ao pensamento dialético, visto que, esse tipo de pensamento, como dito antes, recusa a transcendência.

A proposta iluminista é a de um modelo ideal que vai contra a positividade empirista. Essa característica fica muito claro na obra de Kant "*O que é iluminismo?*". Assim, os iluministas realizam uma inversão no pensamento existente, onde a essência universal do ser é extraída do próprio ser empírico.

Portanto, do ponto de vista iluminista, o privilégio do particular é irracional, vai contra os princípios da razão pregados pela filosofia iluminista. Para Rouanet, esse

privilégio do particular se torna problemático na medida em que impede a reflexão sobre questões universais fundamentais como a emancipação universal do homem.

Para concluir, segundo Rouanet (1993), a filosofia iluminista não ignora as particularidades, na verdade, o que não aceito pelos iluministas é a supremacia do particular sustentada ideologicamente por certas tendências acadêmicas que fazem uso, também, ideológico das particularidades, evitando a reflexão e a crítica.

#### Referências Bibliográficas:

ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, M. Dialética do Esclarecimento. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GALLO, Sílvio. Deleuze & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

HORKHEIMER, M. Eclipse da razão. Tradução: Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Labor, 1976.

MARCUSE, H. Razão e Revolução. Tradução: Marília Barroso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ROUANET, S.P. O novo irracionalismo brasileiro. In: As razões do Iluminismo. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

ROUANET, S.P. A coruja e o sambódromo. In: Mal-estar na modernidade – ensaios. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993b

SALES, Alessandro Carvalho. A causalidade em Deleuze: diferença interna e produção de si. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 50, n. 119, June 2009.